



CADERNOS

LITERATURA E IMPRENSA
NO SÉCULO XIX

16/17

**LITERATURA E IMPRENSA
NO SÉCULO XIX**

v. 9, n. 16/17
Primeiro e Segundo Semestres de 2002

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: Carlos Henrique de Brito Cruz

Vice-Reitor: José Tadeu Jorge

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Rubem Murilo Leão Rego

Diretora associada: Rita de Cássia Lahoz Morelli

Arquivo Edgard Leuenroth

Diretor: Sidney Chalhoub

Diretor Adjunto: Marcelo Ridenti

Conselho editorial

Ana Maria Camargo, Daniel Aarão Reis, Daniel James, Francisco Foot Hardman, Heloísa Liberali Bellotto, John French, José Sérgio Leite Lopes, Liliana Segnini, Luiz Mott, Manuel Correia de Andrade, Marco Aurélio Garcia, Maria Célia Paoli, Michael M. Hall, Michel Löwy, Paulo Sérgio Pinheiro, Regina Morel, Ricardo Coltro Antunes, Rudolf De Jung

Comissão editorial

Angela Maria Carneiro Araújo, Claudio Henrique de Moraes Batalha, Luzia Margareth Rago, Marcelo Ridenti, Rachel Meneguello, Sergio Salomé Silva, Sidney Chalhoub

Editor deste número

Jefferson Cano

Equipe editorial

Assessoria editorial: Elaine Marques Zanatta

Editoração, capa, imagens e projeto gráfico: Maria Cimélia Garcia

Revisão de língua portuguesa: Jefferson Cano

Ficha catalográfica: Maria Conceição dos Santos

Impressão, capa, acabamento: R Vieira Gráfica e Editora Ltda

Realização: Arquivo Edgard Leuenroth

Publicação semestral/ *Semestral publication*

Solicita-se permuta/ *Exchange desired*

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos autores.

As imagens receberam tratamento por meio digital.

Tiragem desta edição: 500 exemplares.

CADERNOS AEL

**LITERATURA E IMPRENSA
NO SÉCULO XIX**

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Arquivo Edgard Leuenroth

v. 9, n. 16/17
Primeiro e Segundo Semestres de 2002

CADERNOS AEL
v. 9, n. 16/17
Primeiro e Segundo Semestres de 2002
ISSN 1413-6597

Esta revista está indexada no Ulrich's Internacional Periodicals Directory e no
Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas - CCN-IBICT.

Ficha catalográfica elaborada no AEL

Cadernos AEL: literatura e imprensa no século XIX.
Campinas, UNICAMP/IFCH/AEL, v. 9, n.16/17,
2002 -

Semestral
ISSN: 1413-6597

1. Imprensa. 2. Literatura. 3. História Social.
4. Arquivos. I. Arquivo Edgard Leuenroth. II. Título.
079.81
909.81

Endereço para correspondência/*Address for correspondence*

Arquivo Edgard Leuenroth
IFCH/Unicamp
Cidade Universitária Zeferino Vaz
Barão Geraldo — Caixa Postal 6110
13083-970 CAMPINAS — SP — BRASIL
Fone: 0_19-3788-1622 Fax: 0_19-3788-7060

cadael@unicamp.br
ael-cpds@unicamp.br
www.ael.ifch.unicamp.br

Sumário

APRESENTAÇÃO <i>Jefferson Cano</i>	07
ARTIGOS	
Áticos e beócios na República das Letras: aspectos da opinião pública no Rio de Janeiro (1836-1837) <i>Jefferson Cano</i>	11
Leitores e leituras de romances franceses em nossas plagas imperiais <i>Artur José Renda Vitorino</i>	57
Um esqueleto no Paço Imperial: literatura e política em alguns folhetins do início da República <i>Ana Gomes Porto</i>	95
Entre a pena e a espada. Literatura e política no governo de Floriano Peixoto: uma análise do jornal <i>O Combate</i> (1892) <i>Ana Carolina Feracin da Silva</i>	135
<i>João Minhóca</i> : o periódico humorístico e ilustrado de Belmiro de Almeida <i>Juliana Ricarte Ferraro</i>	181
INSTRUMENTO DE PESQUISA	
Coleção CECULT: lista parcial dos periódicos <i>Seção de Pesquisa do AEL</i>	215
RESENHAS	
Mamede Mustafa JAROUCHE. <i>Poesias da Pacotilha</i> <i>Silvia Cristina Martins de Souza</i>	307
João Paulo Coelho de Souza RODRIGUES. <i>A Dança das Cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras</i> (1869-1913) <i>Marcelo Balaban</i>	311

Contents

EDITOR'S INTRODUCTION <i>Jefferson Cano</i>	07
ARTICLES	
Attics and Boeotians in the Republic of Letters: Aspects of public opinion in Rio de Janeiro (1836-1837) <i>Jefferson Cano</i>	11
Readers and readings of French novels in the Brazilian Empire <i>Artur José Renda Vitorino</i>	57
A skeleton in the Imperial Palace: Literature and politics in feuilletons at the dawn of the Republic <i>Ana Gomes Porto</i>	95
Between the pen and the sword: Literature and politics during the government of Floriano Peixoto: an analysis of the newspaper <i>O Combate</i> (1892) <i>Ana Carolina Feracim da Silva</i>	135
<i>João Minhoca</i> : The humorous and illustrated periodical by Belmiro de Almeida <i>Juliana Ricarte Ferraro</i>	181
FINDING AID	
CECULT Collection: partial listing of periodicals <i>Seção de Pesquisa do AEL</i>	215
REVIEWS	
Mamede Mustafa JAROUICHE. <i>Poesias da Pacotilha</i> <i>Silvia Cristina Martins de Souza</i>	307
João Paulo Coelho de Souza RODRIGUES. <i>A Dança das Cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras</i> (1869-1913) <i>Marcelo Balaban</i>	311

Apresentação

Ainda Balzac não pintara, em suas *Ilusões Perdidas*, os poderes (e não menos os podres) da imprensa parisiense, e já um jornal carioca definia o século XIX como o *século de papel*.¹ Passados quarenta anos, um dos maiores empreendimentos de divulgação cultural do período definiria o jornal como *a obra especial do século XIX*.² Vestígios de uma potência social ou de sua auto-imagem? Uma ou outra que seja, em nada reduz seu interesse, quando menos por sua promissora carreira, desde logo alçando-se à autoridade teórica dos conceitos. Primeiro, quando, ainda no século XVIII, Kant tentava definir o iluminismo a partir do *uso público da própria razão*, isto é, *aquele que qualquer um, enquanto erudito, dela faz perante o grande público do mundo letrado*.³ Bem mais tarde, já a quase duzentos anos de distância, Habermas retomaria a sucinta fórmula kantiana ao analisar a origem da esfera pública burguesa, na qual se encontraria *uma opinião pública a princípio apolítica – o esboço, de caráter literário no sentido amplo, do que será a esfera pública politicamente orientada*.⁴ De Kant a Habermas, o eixo de questões que se colocam – passando pelo conceito de opinião pública, central ao estudo do século XIX – é também o fio que vai se desenrolando da leitura dos artigos aqui reunidos, ainda que todos eles tenham sido elaborados sem que jamais propusessem exatamente os mesmos problemas.

Uma tentativa de formular justamente a questão sobre a constituição da opinião pública é o que se encontra no primeiro artigo, que busca não só unir as duas pontas do conceito, de seu caráter

¹ *O Chronista*, Rio de Janeiro, 23 maio 1836, p. 15.

² LAROUSSE, P. *Grand dictionnaire universel du XIX^e siècle*. Paris: Administration du Grand Dictionnaire Universel, 1873. t. 9, p. 1037.

³ KANT, I. *Resposta à pergunta: que é o iluminismo? (1784) A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1995. p. 13.

⁴ HABERMAS, J. *L'espace public: archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise*. Paris: Payot, 1978. p. 40.

literário e de sua orientação política, mas, também, pelo menos apontar os diferentes perfis que se delineiam a partir deste tema: sua materialidade, realizada nos jornais, e sua retórica, que volta e meia revela mais um projeto do que uma realidade; o espaço das disputas político-partidárias, mas também o empreendimento comercial; enfim, o espaço onde se afirmam e se combatem reputações, e se prepara o caminho para as funções públicas.

No segundo artigo, Artur José Renda Vitorino oferece um bom exemplo do que pode ser a história da leitura. Partindo das críticas de Lopes Gama, o padre Carapuceiro, a Eugène Sue, este texto reconstitui um pouco das leituras, em torno de um autor francês, que emergiam na imprensa da Corte de meados do século XIX, tanto na — se assim já a podemos chamar — grande imprensa, de circulação diária, pela voz de um padre conservador publicado em um periódico liberal, quanto em um jornal operário.

Em seguida, Ana Gomes Porto compara jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo no que se refere às representações elaboradas a respeito da descoberta de um esqueleto durante uma reforma no Paço Imperial. Explorando os meandros do texto jornalístico, demonstrando como, no final do século XIX, as fronteiras entre o folhetim e a informação por vezes se mostravam ainda fluidas, este trabalho recupera os significados que uma notícia — a princípio sem conseqüências, mas logo magnificada, pelo recurso à ficção — podia assumir num momento específico, do início do regime republicano, e num veículo específico, um jornal republicano da capital paulista.

O artigo seguinte, de Ana Carolina Feracin Silva, faz o caminho inverso, levando o leitor para longe da literatura, revelando-nos a militância política de um grupo de literatos em seu fazer jornalístico: o grupo do jornal *O Combate*, de Olavo Bilac, Pardal Mallet e José do Patrocínio, fazendo oposição ao governo de Floriano Peixoto, sofrendo a repressão, a prisão e inclusive o desterro. E o estudo destes escritores vem abrir ao leitor uma página pouco conhecida da nossa história literária, recuperando a dimensão política do mundo das letras num momento que a historiografia comumente registra como de refluxo da militância, após as vitórias abolicionista e republicana, frente ao endurecimento do regime.

Enfim, no último artigo, Juliana Ricarte Ferraro analisa um periódico ilustrado, o *João Minhoca*, publicado pelo artista Belmiro de Almeida, um dos precursores do movimento modernista nas artes plásticas. Além de levar o leitor para dentro do mundo das sociabilidades letradas do Rio de Janeiro do início do século XX, este

texto levanta uma questão aqui fundamental, na medida em que recupera os elos que ligam as caricaturas da imprensa ilustrada à tradição acadêmica, cultivada pela Academia de Belas Artes, e isso justamente através da figura de um artista que viria a ser valorizado como pintor não acadêmico. Ou seja, o trabalho de Ferraro nos permite concluir que às duas faces do artista correspondem também diferentes usos: enquanto a face modernista se reservava aos círculos mais restritos dos salões artísticos, era a tradição acadêmica que se revelava, no fundo, a melhor forma de se apresentar numa esfera pública de caráter literário, mas também já politicamente orientada.

E eis que nos vemos de volta à questão de onde partimos. Entretanto, é bom que se sublinhe, a questão que apresentamos como chave de leitura de todo o volume não é formulada pelos próprios autores em seus artigos, e nem por isso nos parece menos fecunda, ainda que mais não seja porque é de fato uma chave de leitura, permitindo demarcar um solo comum a trabalhos realizados separadamente; e se este solo não é propriamente o mesmo que os autores pensaram pisar, tanto melhor, que o que vislumbramos é então uma possibilidade de enriquecimento das reflexões já em curso. Enriquecimento que não vem, é claro, do uso deste ou daquele conceito pelo pesquisador, pois levar a opinião pública e a própria imprensa para o centro da investigação é, em certa medida, aceitar os termos em que os contemporâneos colocam o debate, e, se aceitamos os seus termos, é logicamente para questioná-los, pensá-los historicamente, o que sempre significa de certa maneira implodi-los. O que une, sim, explicitamente, os trabalhos aqui reunidos é a opção por tentar entender a produção literária (a obra e seus produtores) indissociavelmente ligada a seus suportes; não apenas os suportes materiais da própria edição, mas também os seus suportes — por assim dizer — sociais: os veículos de divulgação e as redes de interlocução nas quais estes se inserem, a formação de círculos de sociabilidades a partir destas redes, ou a ressignificação de leituras em diferentes contextos.

Ainda um aspecto chama a atenção na leitura dos textos aqui apresentados, tanto nos artigos quanto nas resenhas, que inauguram uma nova seção da revista: o seu recorte temporal, que não avança além do início do século XX. O levantamento de periódicos microfilmados que aparece ao final deste volume, recentemente adquiridos pelo Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT-IFCH/UNICAMP) junto à Biblioteca Nacional e doados ao AEL, testemunha que o interesse de pesquisa que vem se

desenvolvendo (sensivelmente, há não mais que uns dez anos) localiza-se num arco de tempo definindo, e que parece trazer implícito um pressuposto sobre a natureza da própria imprensa do período, que a distinguiria talvez daquela de décadas posteriores. Conscientemente assumido ou não, este pressuposto, como qualquer pressuposto, deve ainda ser testado por pesquisas que levem as mesmas perguntas e métodos século XX adentro.

Neste sentido, este volume dos *Cadernos AEL* pretende ser antes uma abertura para o debate do que a exposição de resultados de uma área de pesquisa bem consolidada. Oxalá possamos (ou precisemos) daqui a algum tempo voltar ao mesmo tema, pelo afluxo de novos trabalhos, procedentes de mais variadas instituições, que venham mostrar ter sido proveitosa esta iniciativa, enriquecendo com novas respostas (e, é claro, novas perguntas) a discussão aqui esboçada e ampliando os limites de um campo de pesquisas no qual possamos vislumbrar — não uma história da imprensa, nem da literatura, mas, parafraseando um sucesso editorial dos últimos tempos — uma *História da Vida Pública*.

Jefferson Cano